

Um comunista que ainda veste camisa do PMDB

Nascer no Sul foi apenas um acidente. Fernando Tolentino é baiano, embora sua carteira de identidade registre seu nascimento em Florianópolis. Aos quinze dias de vida foi para Salvador, baianizou-se e só saiu de lá aos 26 anos, para vir para Brasília. Tolentino é candidato à Câmara pelo PMDB, do qual foi secretário-geral durante oito anos, mas milita no PC do B, ao qual jamais se filiou. A dupla opção partidária nada tem de accidental.

LUIS MARQUEZ



Fernando Tolentino é apoiado pelo PC do B

Filho de professores universitários, Fernando Tolentino acostumou-se desde cedo à política. Como estudante secundarista, no movimentado colégio de Aplicação da Universidade Federal da Bahia, foi vice-presidente da União de Estudantes Secundaristas do Estado. Desde essa época, aos 14 anos, sua simpatia é pela esquerda.

Os primeiros contatos com a militância no meio universitário se deram quando Tolentino ingressou na Ação Popular, em 1967, época em que a entidade já se desvinculava do movimento católico para engrossar as fileiras do PC do B. Estudante de jornalismo, editou um jornal universitário, participou de todos os movimentos dos estudantes, pregou a reforma universitária e, como grande parte dos jovens no final dos anos 60, teve seus problemas com a repressão.

Fernando Tolentino já conheceu a derrota nas urnas. Enquanto estudante da UFBA foi duas vezes candidato à presidência do Diretório Acadêmico da Faculdade de Filosofia, onde estudava jornalismo, curso que abandonou, só o concluindo anos depois, já em Brasília. Estudante de Administração na mesma UFBA, curso que concluiu, Tolentino foi vice-presidente do Diretório Central dos Estudantes.

Administrador de empresas, Tolentino foi trabalhar na Secretaria de Planejamento do Estado da Bahia, reduto de técnicos de esquerda na Bahia. Trabalhou também como diretor-executivo do Instituto de Urbanismo e Administração

Municipal em Salvador. Em Brasília, onde chegou em 1974, foi para o Ministério da Educação e Cultura, para implantar o Plano de Classificação de Cargos. No MEC trabalhou também no Departamento de Assistência ao Estudante e foi coordenador de Extensão na Secretaria de Ensino Superior.

O DIFÍCIL COMEÇO

Com um emprego estável no Distrito Federal, Tolentino teve disponibilidade para concluir o curso de jornalismo no Ceub e dar aulas em universidades brasileiras: o próprio Ceub e a UDF. Chegou a fazer os créditos acadêmicos no mestrado em Comunicação na UnB mas não defendeu tese. Como professor sentiu os primeiros problemas no DF. Foi expulso do Ceub por defender os alunos que entraram em greve contra a majoração da anuidade acima do permitido pelo Conselho Federal de Educação. A Associação de Professores do Ceub, que Tolentino ajudou a criar em 1982, também não era bem vista pela diretoria da instituição.

Em Brasília, foi um dos fundadores do PMDB, criado na casa do hoje candidato Maerle Ferreira Lima, por 14 pessoas egressas do Centro Brasil Democrático, a única entidade democrática não empresarial que funcionava no DF. Suas posições em tudo continuavam a coincidir com as do Partido Comunista do Brasil, mas o PMDB tinha mais chances de agregar um leque maior de pessoas. O grande empresário não se interessou pelo PMDB de então, ilegal.

A história do PMDB em Brasília começou com pequenos empresários das satélites, os trabalhadores e o grupo dos 14. Tolentino acha que o mérito do partido nesta época foi começar lutas que jamais haviam sido bancadas por nenhuma entidade. Melhorar nos serviços públicos prestados à população, oficialização da posição a favor da representação política para o DF, início do movimento estudantil em Brasília.

Comunista convicto, Tolentino permaneceu no PMDB mes-

mo depois que os partidos de esquerda foram legalizados. Não só continuou no partido como foi seu secretário-geral. A explicação para sua permanência no PMDB é simples: depois de tantos anos como peemedebista, o ingresso no PC do B traria prejuízos políticos e eleitorais da maior gravidade. O Bloco Popular, corrente a que Tolentino pertence dentro do PMDB, é esquerda o suficiente para que não haja choques com as alas mais reacionárias do partido.

Há outras explicações, todas discutíveis. Tolentino acredita que a transição para a democracia no País só estará completa depois da Constituinte e, até lá, a dispersão de uma grande frente como o PMDB poderia prejudicar a boa convivência entre a esquerda e a direita brasileiras. Fernando Tolentino acredita também que se ele próprio não continuasse exercendo esse papel conciliados, muitos dos militantes progressistas sairiam do PMDB, que se transformaria então num partido de direita ou de centro-direita, sem dúvida conservador.

Para justificar suas posições, Tolentino, a exemplo de muitos candidatos no Brasil, evoca Tancredo Neves. A frase: "Não vamos nos dispersar", que Tancredo disse em seu discurso depois da vitória no colégio eleitoral, significa exatamente isso: vamos manter as forças políticas unidas, ou seja, os progressistas, que querem as mudanças, e os retrógrados, que gostariam de ver a democracia arrefecer. A Nova República é isso: um saco de gatos que estão pacificamente colocados uns ao lado dos outros, até que a Constituinte os separe.

Sobre o futuro, Tolentino não fala muito, não quer adiantar que caminho seguirá. Mas acha que a tendência do PMDB é a extinção enquanto força política. Ficarão os da direita à direita, os da esquerda à esquerda, com alas de centro em cada um dos partidos. Neste contexto não haverá muito espaço para frentes como a que o PMDB encarna. Ai então, democracia instalada no País, Tolentino poderá vestir a camisa do PC do B, que sempre usou por debaixo da do PMDB.